

Retiro Quaresmal

2026



RENAO, SJ

Exercícios Espirituais na Vida Cotidiana



Jesuítas - Brasil

SERVIR
REDE INACIANA
DE COLABORAÇÃO, FE E ESPIRITUALIDADE



MOSTEIRO DE ITAICI
JESUÍTAS - BRASIL



Mais uma vez chegamos até vocês com esta belíssima experiência de oração do Retiro Quaresmal. Esperamos que o texto apresentado seja um subsídio proveitoso para fazer a experiência do encontro pessoal com Deus durante o tempo litúrgico da Quaresma praticando a metodologia da Leitura Orante da Bíblia ou da Contemplação Inaciana sempre a partir do Evangelho do dia.

Essa experiência do encontro pessoal com Deus pode ser feita por todas as pessoas que estiverem verdadeiramente motivadas e que ponham os meios necessários para fazê-la. Posto que Deus deseja comunicar-se a todos seus filhos muito amados, para fazer a experiência do encontro amoroso com Ele na oração basta reservar um tempo propício e escolher um lugar apropriado para esse encontro em meio aos afazeres da vida diária.

Para que produza mais frutos é aconselhável que as pessoas que fazem o Retiro Quaresmal sejam acompanhadas nesse seu itinerário espiritual por alguém que tenha um pouco mais de experiência na vida espiritual.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) promove a Campanha da Fraternidade (CF) 2026. Com o tema “Fraternidade e Moradia” e o lema bíblico “Ele veio morar entre nós” (Jo 1,14), a iniciativa busca despertar a consciência sobre o direito à moradia digna como expressão concreta da fé cristã.

Deus veio morar entre nós, e isso fundamenta a dimensão social da nossa fé. A Campanha da Fraternidade nos convida a construir aqui, entre nós, sinais do Reino de Deus, promovendo dignidade, especialmente nas realidades onde ela é negada. O Brasil enfrenta um déficit habitacional de 6 milhões de moradias, somado a um déficit qualitativo de 26 milhões de residências inadequadas – sem saneamento básico, com espaços superlotados ou estruturas precárias. Essa realidade clama por conversão social e ações concretas que garantam um lar digno a todos.

Bem, este caminho de oração, feito no dia-a-dia, por um determinado tempo, baseando-se em exercícios de oração, sugeridos e elaborados neste material que ora apresentamos.



Elementos básicos para fazer este Retiro Quaresmal são:

1. Dedicar trinta (30) minutos à oração pessoal diária; rever esta oração durante alguns minutos;
2. Participar do encontro semanal de partilha da oração, orientações e entrega do material da semana.

Como organizar-se para o Retiro Quaresmal?

O “coração” do Retiro Quaresmal é a dedicação de, pelo menos, trinta (30) minutos diários, para os exercícios sugeridos. É importante encontrar um tempo propício para estes exercícios diários de oração. Isso pede muita fidelidade. Aprendemos dos mestres de oração como é importante dar um tempo certo para a oração pessoal diária.

Todos nós, hoje em dia, temos muito o que fazer. Depende de nós organizarmo-nos e convencermo-nos de que o tempo é a condição fundamental para a oração acontecer. Assim escreve São Francisco de Sales:



“É muito importante dar atenção a Deus, durante meia hora diária; mas quando os afazeres são muitos, então é necessário destinar uma hora inteira para a oração pessoal”.

O melhor tempo para a oração diária é aquele em que estou mais descansado, menos disperso e agitado pelas preocupações do dia. Bom seria que fosse sempre à mesma hora. Se isto não for possível, faz-se um plano semanal. Deveríamos mesmo agendar este tempo.

Terminado o tempo da oração pessoal, sou convidado a usar mais algum tempo para rever como foi a oração, perguntando a mim mesmo: Saí-me bem? Por quê? Tive dificuldades, resistências? Recomenda-se ter uma espécie de diário espiritual onde se anota aquilo que aconteceu de importante e significativo durante a oração.



ROTEIRO PARA A ORAÇÃO DIÁRIA

Esquema, como possível ajuda, para os trinta (30) minutos de oração diária.

- a) Escolher a hora e o lugar mais apropriados para a oração.
- b) Acolher a presença de Deus, saber que Ele me quer junto de si.
- c) Pedir a luz do Espírito Santo para que Ele me dirija e inspire.
- d) No início de sua oração pessoal, rezar esta oração preparatória:

ORAÇÃO PREPARATÓRIA

Aqui estou, meu Deus, diante de ti, tal como sou agora. Estou tranqüilo e pacificado diante de ti, Senhor, como um discípulo atento a seu Mestre. Estou na tua presença e me deixo conduzir. Abro-me à tua proximidade. Dá-me um coração de discípulo, para que, cada dia, possa ouvir a tua Palavra. Tu és a fonte da vida, a força da vida que me penetra. Tu és meu ar que me oxigena e dilata. Deixa que a tua paz me habite. Concede-me a graça de me deixar “limpar” por ti, ser uma concha que se enche de ti, meu Deus. Que todos os meus pensamentos e sentimentos, minha vontade e liberdade sejam orientados para o teu serviço e louvor, meu Mestre e Senhor. Assim seja!

- e) 2 modos de orar os textos indicados:

Um caminho para orar...

LEITURA ORANTE



Quando se trata de um texto de ensinamento da Escritura, ou de uma oração, por exemplo o pai-nosso, Santo Inácio recomenda que se reze desta forma:

Leitura do texto: leia bem devagar, frase por frase, com atenção a cada palavra... Ou seja, uma leitura com todo o seu ser. Pergunte-se: o que diz o texto em si?



Meditação: não tenha pressa de ler e entender tudo, pare onde o texto o (a) tocar interiormente, saboreie a Palavra. Pergunte-se: o que diz o texto para mim?



Oração: agora brota do coração, tocado pela Palavra lida e meditada, uma oração. Deus é Pai e nos ama muitíssimo. Pergunte-se o que o texto me faz dizer a Deus?



Esta oração pode ser de louvor, de ação de graças, de súplica, de silêncio. É necessário deixar que o Espírito reze em nós. Abra seu coração a Deus e expresse o que sente.

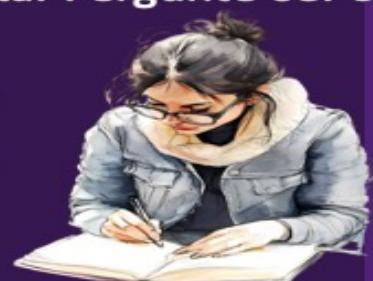


Aprofundando: agora é saborear o momento de intimidade com o Senhor, acolhendo o que tocar o seu coração e a sua mente: desejos, luzes, apelos, lembranças, inspirações, sentimentos, resistências... Pergunte-se: o que eu experimento ao rezar este texto?



Agindo: vendo novas todas as coisas em Cristo; a Palavra saboreada produz frutos de fé e amor, uma resposta amorosa concreta. Pergunte-se: o que fazer pelo Senhor?

Finalize sua oração com gratidão. Reze um pai-nosso ou uma ave-maria. Após a oração, faça sua revisão e anote o que foi mais forte.



Pe. Renato, SJ



Um caminho para orar... **CONTÉMPLAÇÃO**

Após a escolha de um texto bíblico, busque um lugar **tranquilo** que ajude a concentrar e a rezar. Encontre uma **posição corporal** confortável para permanecer o tempo de oração determinado.



PREPARAR-SE

Fazer **silêncio** interior e exterior. **Respirar** lentamente por várias vezes. Em seguida, tomar consciência que está na presença de Deus e com devoção fazer o sinal da cruz.



DISPOR-SE



SITUAR-SE



CONTÉMPLAR

Depois de ler o texto bíblico algumas vezes, com os olhos fechados, usar a imaginação para entrar na cena descrita. Ver as pessoas, observar o que fazem, ouvir o que dizem. Como elas procedem diante do Senhor. Colocar um olhar demorado sobre Jesus, observar cada detalhe. Focar na cena sem querer explicar ou entender, apenas viver esse momento ao lado de Cristo.

Termino agradecendo a Deus tudo que experimentei e vivenciei na contemplação. Observo com atenção os sentimentos experimentados. Encerro a oração com um Pai Nossa, Ave-Maria ou outra oração de minha devoção.



TERMINAR

REVISÃO DA ORAÇÃO

Recordo meu encontro com Deus e anoto no caderno espiritual aquilo que foi mais importante na cena e quais sentimentos.

Pe. Renato, SJ

REVISÃO DA ORAÇÃO

- Terminada a oração, revejo brevemente como me saí nela, perguntando-me:
 - que Palavra de Deus mais me tocou?
 - que sentimento predominou?
 - senti algum apelo, desejo, inspiração?
 - tive alguma dificuldade ou resistência?
- Anoto o que me pareceu mais significativo na forma de uma breve oração de súplica ou de agradecimento.
-
- N.B.: Este roteiro pode ser utilizado para a partilha da oração em grupo.

O ESQUEMA DO RQ

- Cada uma das seis semanas do Retiro Quaresmal contém seis exercícios de oração. O sétimo dia da semana destina-se para o que chamamos de Repetição Inaciana. Trata-se de escolher o exercício da semana que mais me tocou ou que foi mais difícil para mim. A repetição tem um papel muito importante nos Exercícios Espirituais. Não raras vezes acontece que somente durante a repetição se consegue uma experiência de oração mais profunda.





ACOMPANHAMENTO NO RETIRO QUARESMAL

Além das orientações dadas, seria desejável um acompanhamento mais direto. Há duas possibilidades:

1. Recomenda-se às pessoas que desejam fazer o retiro, formarem grupos por proximidade geográfica ou afetiva, sejam grupos já existentes na paróquia, sejam grupos a se constituírem. O objetivo é reunir-se, semanalmente de preferência, para a partilha das experiências.
2. Tanto quanto possível, os grupos sejam acompanhados por um orientador experiente nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, auxiliado por outros acompanhantes idôneos que se disponham a prestar este serviço pastoral.

Obs: No final do dia não esqueça de fazer o Exame Espiritual Diário:

Exame Espiritual Diário

Seguindo os passos de Santo Inácio de Loyola

1. Agradecer a Deus por seus dons, pelo bem que acontece em mim, no mundo, nos meus irmãos e irmãs.

2. Pedir a luz do Espírito Santo para reconhecer a obra que o Senhor quer realizar em mim e para reconhecer e rejeitar o mal, com suas tentações, insinuações e seduções.



3. À luz do Evangelho, com os olhos da fé, verificar minha resposta a Deus:

- **Trazer à memória** o meu dia, descobrindo aquilo que me deixou maior marca: **consolação** (paz, alegria, esperança, fé...) ou **desolação** (medo, angústia, vazio, tristeza...).

- **Escolher** a reação, o sentimento, o pensamento ou a ação que foi mais constante, que deu a tônica, o sabor do meu dia.

- **Analizar** essa experiência vivida: descrevendo-a, procurando ver sua origem, sua causa ou para onde ela me leva... Qual a minha reação: Passividade? Recusa? Aceitação? Como estou agora?



4. Pedir perdão ao Amigo Fiel, nosso Salvador, pelo bem que deixei de fazer.

5. Minha resolução para o futuro: pedir a graça de ser fiel e de permanecer na busca da vontade de Deus.



Pe. Renato, SJ

Primeira Semana

“ADORARÁS O SENHOR, TEU DEUS, E SÓ A ELE SERVIRÁS...”

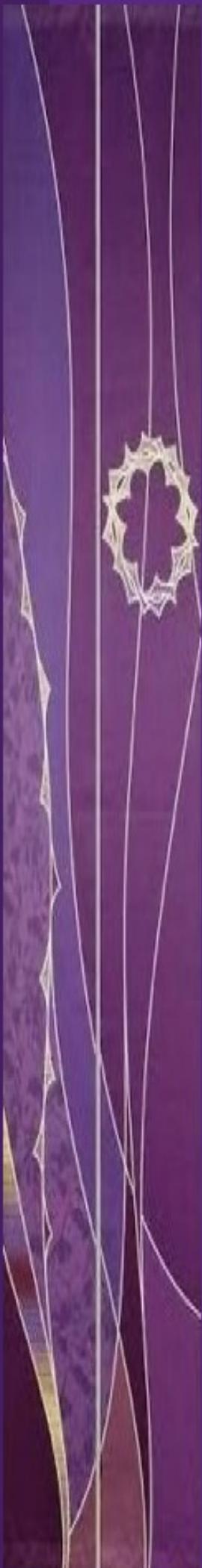


Mt 4, 1-11: "Jejuou quarenta dias e quarenta noites."

Estamos iniciando um novo tempo litúrgico, a Quaresma. É um tempo privilegiado, são quarenta dias de preparação para a maior festa do cristianismo: a Páscoa.

Há uma série de símbolos próprios na liturgia deste tempo da Quaresma: a cor roxa dos paramentos; não é rezado o hino de louvor (o glória), a temática das leituras, os cânones, etc.

A liturgia nos convida ao jejum, não somente para cumprir uma lei, mas é uma forma de nos tornarmos solidários com aquelas pessoas que passam fome, não tem o alimento necessário para o sustento de seu corpo. É tempo de mortificação, de renúncia, de sacrifício (se bem que esses termos na atualidade são muito pouco usados, para não dizer desconhecidos). É tempo do conversão, mudança de mentalidade e do coração.



Cada ano, a CNBB nos apresenta um tema bem presente na vivência do povo brasileiro para que meditemos e reflitamos.

A narrativa apresenta Jesus sob a faceta do novo Adão, porque vence o orgulho que pôs a humanidade contra Deus. Ele é o novo Israel, pois vence as tentações a que Israel sucumbirá no deserto. Ele é o novo Moisés, porque superou as tentações de Moisés para ser o fundador, e o guia do novo povo do Deus, a Igreja.

O deserto das tentações é um resumo da experiência de Jesus durante todo o seu ministério. A narrativa visa a mostrar o sentido dessas tentações.

Segunda-feira – Dia 23.02

Mt 25, 31-46: "Todas as vozes que fizestes isto aos meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizestes".

Este relato da descrição do juízo final pode ser interpretado de dois modos, dependendo de como entendermos a palavra irmão. Entendida num sentido genérico, designará qualquer homem. Neste caso a exortação se refere a todos os homens: Jesus está presente em qualquer faminto, sedento, forasteiro, sem roupa, enfermo ou encarcerado.

Entendida num sentido mais restrito, a palavra irmão designará os membros da comunidade cristã e, portanto, a exortação se refere somente aos cristãos famintos, sedentos... Mas, tal vez as duas interpretações não sejam excludentes.



Mateus convida sua comunidade a recriar a solidariedade recíproca que deve reinar na nova família convocada por Jesus. A exortação das parábolas precedentes a estarem vigilantes e atentos adquire uma grande força à luz deste relato final. Estar vigilantes e preparados consiste principalmente em viver segundo o mandamento do amor.

Terça-feira – Dia 24.02

Mt 6, 7-15: "Eis como deveis rezar."

Nos evangelhos existem duas versões do Pai-nosso. Uma de Lucas, a mais breve e provavelmente a mais antiga. E a outra de Mateus, por sua vez apresenta a que era recitada em sua comunidade. A oração, como as demais práticas religiosas, transformaram-se para os fariseus num motivo do ostentação e luzimento externo; deixaram de ser um modo do louvar a Deus e era somente um instrumento para alcançar honra e prestígio diante dos homens. A oração do cristão deve estabelecer uma relação íntima com o Pai; entra no teu quarto, fecha a porta; num clima de abandono e confiança a Deus: o teu Pai recompensar-te-á. Os cristãos devem orar como Jesus orava. Esse estilo de oração está presente de uma forma condensada no Pai-nosso.

Precisamente no fim de uma dessas paradas em oração, não sabemos a que horas do dia, seja de manhã ou à noite, um discípulo lhe pede que ensine a toda a comunidade como rezar, seguindo o exemplo daquilo que João Batista havia feito com aqueles que o seguiam.

Em resposta, Jesus entrega uma oração breve, essencial, que Lucas e Mateus (cf. Mt 6,9-13) nos transmitiram em duas versões. A de Lucas é mais breve, constituída principalmente por duas demandas que têm um paralelo na oração judaica do Qaddish: a santificação do Nome e a vinda do Reino. Seguem, depois, três pedidos referentes àquilo que é realmente necessário para o discípulo: o dom do pão do qual se precisa todos os dias, a remissão dos pecados e a libertação da tentação.

A oração do cristão é simples, sem muitas palavras, mas cheia de confiança em Deus – invocado como Pai –, no seu Nome santo, no seu Reino que vem. Tendo comentado várias vezes o “Pai-Nosso”, gostaria aqui, ao contrário, de me deter nos versículos seguintes, aqueles que contêm a parábola e a sua aplicação.



Lc 11, 29-32: "Nenhum sinal será dado a esta geração a não ser o sinal de Jonas."

No Evangelho de hoje, encontramos Jesus usando ásperas palavras. Ele se dirigiu ao povo que o ouve como a uma "perversa geração". Mas por que tanta dureza? Porque eles não estão abertos para reconhecer o tempo de sua conversão às pregações de Jesus.

Jesus é o sinal que é, ao mesmo tempo, um apelo à conversão, muito mais urgente do que o apelo que o profeta Jonas dirigiu aos habitantes de Nínive, que eram pagãos.

Para cada um, a conversão tem a sua "hora" certa. É Jesus quem passa em nossas vidas em determinado momento. Ele é o sinal, que é um apelo à conversão muito mais urgente do que a do profeta Jonas, dirigiu aos habitantes de Nínive, os quais eram pagãos. As palavras de Jesus assumem um estilo profético e, ao mesmo tempo, um tom de julgamento.

Quinta-feira – Dia 26.02

Mt 7, 7-12: "Pedir. Buscar. Achar. Bater."

Estes ensinamentos de Jesus pertencem a uma antiga tradição, que Mateus e Lucas apresentam em contextos diversos. Em Lucas servem para ilustrar como a oração do cristão deve ser perseverante e confiante, em Mateus, no entanto, pretende apoiar a decisão do discípulo que opta para servir a Deus. Os três imperativos que iniciam a instrução: Pedir... Buscar... Bater... tinham um sentido religioso no judaísmo: expressavam a busca em Deus e a confiança em sua providência. Mateus quer infundir esta mesma confiança à sua comunidade, relembrando-lhes que a oração cristã expressa e torna possível um estilo de vida em absoluta dependência de Deus.

Sexta-feira – Dia 27. 02

Mt 5, 20-26: "Se a vossa justiça não for maior que a dos escribas e fariseus..."

Não é suficiente a justiça dos fariseus. Não basta evitar os homicídios, as mortes, as guerras. Jesus quer ir à raiz do mal, que se situa no mais profundo de nosso ser, e quer que nos convertamos ao nível dessa estrutura. O lugar privilegiado de Deus no mundo, após a encarnação, não é mais nos templos, mas na pessoa humana.

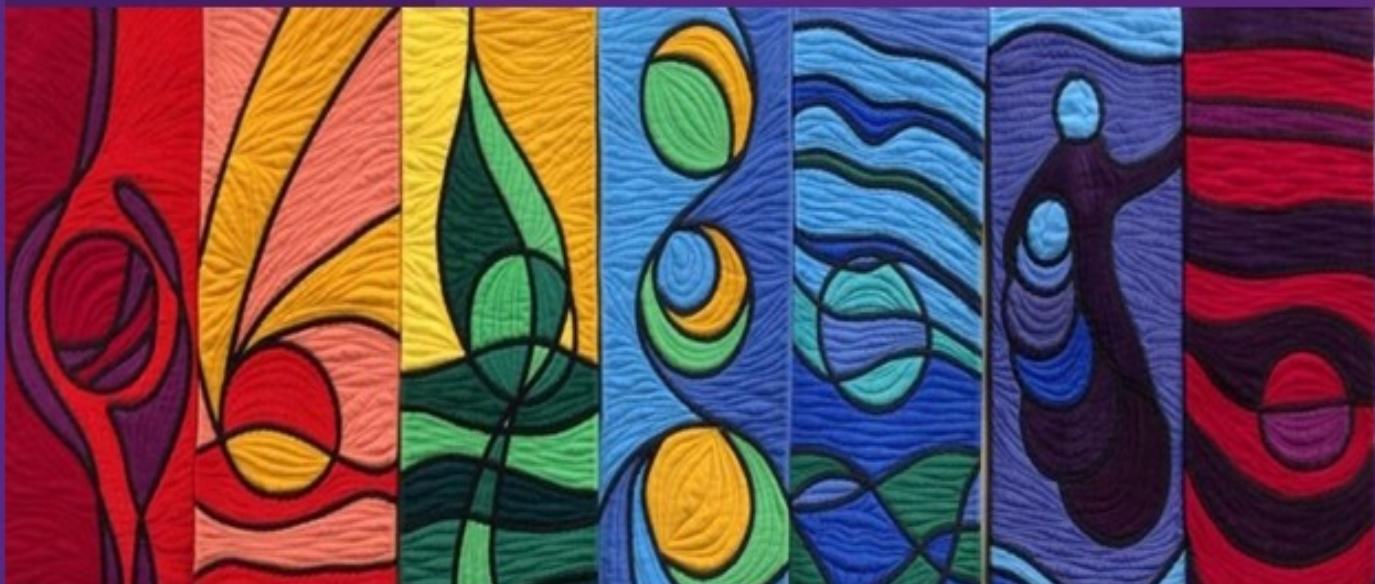


É preciso decidir-se pela fé e pela conversão. O perdão fraterno não pode ser adiado. Converter-se é seguir a Jesus no amor que ele tem por todos nós.

Hoje, sabemos, é inútil um culto a Deus se não cultuarmos o irmão, não amarmos o nosso próximo. E a reconciliação com o próximo tem precedência à adoração de Deus. Estamos assim perto de Deus na medida em que estamos perto de nosso próximo.

Sábado – Dia 28.02-Repetição

A oração de cada sábado consiste no exercício chamado de repetição. Trata-se de aprofundar aquilo que rezei durante a semana. Santo Inácio diz: Não é o muito saber que satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente [EE 2]. Por isso não é apresentada uma nova matéria de oração para este dia. Faço, pois, a oração, a partir do texto ou moção que mais me consolou ou que mais me desolou na semana que passou.



Segunda Semana

“EIS MEU FILHO MUITO AMADO, EM QUEM PUS
TODA A MINHA AFEIÇÃO: OUVI-O...”



Mt 17, 1-9: "Mestre, é bom para nós estarmos aqui, faremos três tendas: uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias."

Jesus sobe a montanha, lugar privilegiado para as manifestações divinas; entra em oração e na presença e intimidade com Deus, sua fisionomia se altera e suas roupas irradiam brancura.

O mistério da pessoa de Jesus é revelado por um momento. A cor deslumbrante de suas vestes fala por si mesma de sua glória. As figuras de Moisés e de Elias, que conversam com ele, indicam que a lei e os profetas (Antigo Testamento) encontram em Jesus o seu cumprimento.

Toda essa atmosfera de luz é marcada com um imperativo: ouça. O discípulo autêntico é aquele que sabe ouvir o Mestre, ainda que as suas palavras soem à cruz e ao sofrimento. A glorificação de Jesus diante de seus discípulos completa sua profissão de fé e os faz entender as realidades do mistério de Cristo.

Somente à luz da Ressurreição será possível compreender a Transfiguração em todo o seu alcance e profundidade. Com essa precisão, somos convidados a relembrar o anúncio feito em Mc 8,31: "e começou a ensinar-lhe que era necessário o Filho do Homem sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, sumos sacerdotes e escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar". Deus nos revela que a nossa salvação está no mistério de sua vida dada até a morte na cruz.

Lc 6, 36-38: "Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso."

A chave que nos levará a compreender a moralidade crista é entender que Deus deve ser nosso modelo. Devemos ser misericordiosos porque Deus é misericordioso; e perdoar porque Deus nos perdoa. Eis uma doutrina pouco observada. Temos nossa justiça distributiva e Jesus nos diz que devemos ser como nosso Pai: sua justiça é conformar-se ao seu coração, ao seu amor.

Deus ama o pecador, o que lhe faz mal e seu amor o transforma, fazendo dele um santo. Assim, o que realmente desejamos pode se realizar; nossa vida é expressão de nossa fé, de nosso amor, de nossas aspirações. Deus não nos castiga, apenas faz cumprir as leis estabelecidas.

Tudo o que desejamos ao nosso próximo retorna a nós em dose superior. A medida de nossa ação é também o nosso coração. Conforme nossa medida, nossa fé, nosso amor, seremos gratificados.



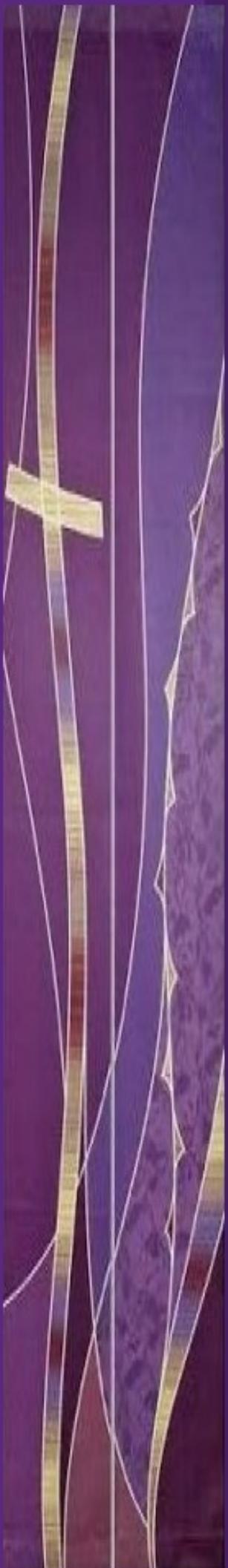
Mt 23, 1-12: "Hipocrisia e vaidade."

Jesus não tolerava o modo de ser dos fariseus e sua explicação das Escrituras. Os escribas e os fariseus, recusando-se a entrar no reino messiânico e também impedindo a entrada do povo eleito, preparam assim a extrema desgraça do abandono divino.

Esses dois grupos, fariseus e escribas, só querem aparecer, gostam de mostrar que são corretos, preferem os lugares de honra.

A duplicidade, a hipocrisia, a inautenticidade eram insuportáveis para Cristo. Eles usavam a religião para impor sobre os outros seu domínio. O ritualismo obsessivo proporcionava-lhes uma sensação de segurança e de fidelidade a Deus que os tranquilizavam.

Os ensinamentos de Jesus nasciam do íntimo de seu ser e tinham a vibração de quem tem autoridade e de quem está integrado naquilo que faz.



Quarta-feira – Dia 04.03

Mt 20, 17-28: “Não sabéis o que estais pedindo. Podeis beber o cálice que eu vou beber?”

Subindo com Jesus para Jerusalém, parece não termos aprendido muito até agora. A conversão ainda está distante. Tiago e João são apóstolos. Hoje lhes daríamos títulos pomposos que os deixariam contentes porque estavam a busca dos primeiros lugares. Chegaram a compreender que Jesus devia sofrer e morrer antes da ressurreição. Mas no céu, lá na glória, quem sabe poderiam ocupar os primeiros lugares ao lado de Jesus, certamente para poderem servir mais e melhor.

Quinta-feira – Dia 05.03

Lc 16, 19-31: "Pai Abraão, compadece-te de mim."

•A parábola do homem rico e do mendigo Lázaro é uma evocação de Jesus para fazer-nos lembrar e abrir os olhos para o grande ídolo dos ricos.

•O rico não foi acusado de ter explorado o pobre, de ter se apossado de terras do pobre, de tê-lo enganado. Sua riqueza o distanciou do pobre e de Deus. O Reino de Deus pertence aos pobres.

•Esta parábola nos faz refletir sobre dois pontos importantes. O primeiro, o homem pode se tornar incapaz de se abrir á proposta salvífica de Deus, no caso, o rico.

O segundo, o Evangelho não privilegia nem condena uma condição econômica, seja de pobreza ou de riqueza, mas procura mostrar que a fé e a conversão devem amadurecer e tornar o mundo mais humano.

Se o homem rico tivesse sido gentil e fraterno, e tivesse ultrapassado seu egocentrismo para "descobrir" o "mundo" de Lázaro, teria se convertido a Deus e teria sido salvo.

Sexta-feira – Dia 06.03

Mt 21,33-43.45-46: "A pedra rejeitada pelos construtores tornou-se pedra angular."

A história narrada reflete muito bem a situação da Galiléia, onde a propriedade da terra foi aos poucos sendo concentrada nas mãos das classes poderosas que viviam nas cidades.

•Os vinhateiros são os chefes do povo, que desprezaram os enviados do Deus em diversas ocasiões, apedrejando-os e matando-os. A sorte do Filho não foi outra. O ponto alto de toda esta dolorosa série de atropelos é contra o dono da vinha. Os vinhateiros se obstinam a não produzir os frutos no tempo oportuno.





Na versão de Mateus, a parábola conclui com uma interpretação aos ouvintes: o que fará o dono da vinha quando voltar? Esta pergunta encontrou a sua resposta em dois acontecimentos: a ressurreição de Jesus e o nascimento da Igreja cristã.

Sábado – Dia 07.03-Repetição

A oração de cada sábado consiste no exercício chamado de repetição. Trata-se de aprofundar aquilo que rezei durante a semana. Santo Inácio diz: Não é o muito saber que satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente [EE 2]. Por isso não é apresentada uma nova matéria de oração para este dia. Faço, pois, a oração, a partir do texto ou moção que mais me consolou ou que mais me desolou na semana que passou.

Terceira Semana

“SENHOR, DÁ-ME DESTA ÁGUA...”



Jo 4, 5-42: "Senhor, vejo que és profeta."

A liturgia deste domingo traduz a temática da água, transformando-se em um fio condutor com que se descreve o itinerário do homem, desde sua sede até a fonte que contém água viva, a vida.

A finalidade desse texto é quebrar as barreiras que impedem os homens de se relacionarem. Essas barreiras podem ser de ordem religiosa, política e econômica ou de qualquer outra ordem.

A samaritana somos todos nós, sedentos em busca da fonte de onde podemos "tirar água". Ela conhece o dom de Deus, acolhe a água viva, tem fé em Jesus, tem o amor de Deus derramado em seu coração na medida em que passa por uma transformação e conversão profunda.

Do diálogo de Jesus com a Samaria, brotam afirmações básicas para quem quer segui-lo de perto: a) Jesus é a novidade absoluta. Não veio apenas para aperfeiçoar ou corrigir o que existia, mas proclamar o início de uma relação nova e profunda entre Deus e o homem; b) Jesus traz a verdade, isto é, a realidade anunciada por essa figura. O culto autêntico e definitivo revela-se na pessoa de Jesus; c) o primeiro passo da fé é reconhecer a superioridade de Jesus sobre leis, patriarcas e profetas de ontem e de hoje. Essa presença de Jesus perto do homem é viva e até incômoda, porque ele questiona a vida humana e não permite que o homem pergunte por Deus sem se interrogar sobre o próprio modo de viver.

A samaria optou pelo dom de Deus, pela vida, experiência que a marcou a ponto de transformá-la em testemunha e missionária dessa mesma vida junto de seus concidadãos.



Segunda-feira – Dia 09.03

Lc 4, 24-30: "Em verdade vos digo: nenhum profeta é bem aceito na sua pátria."

Jesus, depois de algum tempo em territórios estrangeiros, voltou à sua terra natal. Sentindo-se à vontade na Sinagoga, leu um trecho do profeta Isaías, sobre a maneira como seria o Messias, e, então, revelou que aquela profecia se referia a Ele próprio. A princípio, "Todos lhe davam testemunho e se admiravam das palavras de graça, que procediam da sua boca".

Os fariseus, porém, cheios de inveja, perguntavam: "Não é este o filho de José?", e, após isso, expulsaram-no daquela aldeia com violência. Sua expectativa era a de que o Messias fosse rico, com exército, palácio, etc... O Mestre, então, citou-lhes trechos do Antigo Testamento nos quais se lia que os estrangeiros tinham recebido a Palavra de Deus muito mais depressa que os israelitas que se convertiam. Acontece, também em nossos dias, fatos semelhantes. Muitos ateus, por exemplo, ajudam mais depressa os necessitados do que nós, seguidores de Cristo.



Mt 18, 21-35: “Senhor, quantas vezes devo perdoar, se meu irmão pecar contar mim? Até sete vezes?”

Tempo de Quaresma é tempo de arrependimento e de perdão. Deus perdoa. Estamos despostos a perdoar setenta vezes sete vezes? É preciso perdoar sempre para poder ser perdoado. O perdão é tão importante que já se tornou uma prática terapêutica.

Estresse, saúde mental, saúde cardíaca, sistema imunológico, tudo melhora, dizem os especialistas. De fato, tudo melhora quando estamos em paz conosco, com os outros e com Deus.



Mt 5, 17-19: "Aquele que guardar e ensinar os mandamentos será declarado grande no Reino dos Céus."

O contexto vital dessas palavras, que Mateus coloca na boca de Jesus, é preciso procurá-lo nas diferentes opiniões que existiam entre os primeiros cristãos sobre a interpretação da Lei de Moisés. A questão que se colocava era: todos estavam obrigados a cumprir esses preceitos ou haviam sido abolidos por Jesus?

Essa passagem é de grande interesse do ponto de vista histórico-teológico.

A expressão "a Lei e os profetas" era usada na época de Jesus para significar a Escritura (Antigo Testamento). A Lei (hebraico Torah) abrangia os cinco primeiros livros da Bíblia, também chamados de Pentateuco. Os profetas ocupavam não somente os livros proféticos, mas também os livros históricos que os judeus os classificam de profetas anteriores.

A expressão Eu, porém, lhes digo, vem interiorizar a Lei que será escrita não em tábua de pedra, mas na carne, no coração dos homens. Deste modo, a nova lei discernirá o mal pela sua raiz, no coração, e não apenas quando se manifesta nas atitudes externas.



Lc 11. 14-23: “Todo reino dividido internamente será destruído...”

Jesus operava os milagres no meio do Seu povo, mas os homens não o reconheciam como enviado do Pai e duvidavam do Seu poder. Eles viam os acontecimentos, mas não “enxergavam” o porquê de tantas maravilhas, por isso, diante dos prodígios de Jesus eles se confundiam e atribuíam tudo ao “dedo de Belzebu”, o príncipe dos demônios. A incredulidade encobria os seus olhos! Hoje, nós até os criticamos por causa da sua “falta de fé”, no entanto, precisamos ter consciência de que também nós temos dificuldades em admitir o poder de Deus na nossa vida. Da mesma maneira que eles, nós também apreciamos as coisas pelas aparências e com os olhos da “carne”.

Somos pessoas questionadoras, intrigantes e não percebemos que os sinais do céu estão presentes nos pequenos e grandes milagres que Deus realiza dentro de nós. Se parássemos mais para refletir também iríamos ver o “dedo de Deus” agindo em nós a partir do bem que praticamos e vivenciamos. Por esta razão o reino de Deus acontece no coração de todos aqueles que percebem os Seus prodígios e milagres na sua vida e acolhem de coração o poder do Espírito Santo. Não devemos nos confundir ou questionar! Se agirmos em Nome de Jesus, as consequências naturalmente serão do bem e não do mal. O Bem vem de Deus, o mal é decorrência do pecado. Reconhecer o dedo de Deus nos milagres da nossa vida é também distinguir a chegada do reino de Deus e tê-lo como nosso guardião e defensor. Precisamos estar atentos às nossas ações para saber a quem estamos servindo.



Mc 12, 28b-34: “Ouve, Israel! O Senhor nosso Deus é um só. Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento, e com toda a tua força!”

Amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo, esta é a síntese de todos os mandamentos. Quem ama de verdade cumpre toda a lei e não erra nas decisões que toma, porque tudo o que faz é feito por amor. Vinculando o amor a Deus com o amor ao próximo evitamos a falsificação da noção de Deus. Ninguém nunca viu a Deus, por isso dele temos apenas uma noção.

O que podemos saber com mais consistência nos vem do Filho único que está no seio do Pai e no-lo deu a conhecer, ao se fazer homem e ter vindo morar entre nós. Vemos a humanidade de Jesus Cristo, não a sua divindade, e em sua humanidade vemos a toda a humanidade. Por isso, não podemos dizer que amamos a Deus a quem não vemos se não amamos o irmão a quem vemos. Se o amor ao próximo não faz parte do amor a Deus, nós nos tornamos fanáticos executores das ordens de um Deus que nossa imaginação criou. Amar o próximo como Jesus amou.

Sábado – Dia 14.03-Repetição

A oração de cada sábado consiste no exercício chamado de repetição. Trata-se de aprofundar aquilo que rezei durante a semana. Santo Inácio diz: Não é o muito saber que satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente [EE 2].

Por isso não é apresentada uma nova matéria de oração para este dia. Faço, pois, a oração, a partir do texto ou moção que mais me consolou ou que mais me desolou na semana que passou.



Quarta Semana

“OS QUE NÃO VEEM, VEJAM, E OS QUE VEEM SE TORNEM CEGOS...”



Jo 9, 1-41: "O cego foi, lavou-se e voltou enxergando."

O evangelho de João segue um esquema bem diferente do utilizado pelos Sinóticos: Marcos, Mateus e Lucas. João narra apenas dois milagres relatados também pelos outros evangelhos, a saber, a multiplicação dos pães e Jesus caminhando sobre as águas. O milagre do cego de nascença é contado, portanto, somente por João. O autor diz que escreveu o seu evangelho para que crêssemos que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e, crendo tivéssemos a vida em seu nome.

Assim, com a narração do cego de nascença, quer mostrar que Jesus é a vida e a luz do mundo: dá a luz ao cego de nascença, em contraste com a cegueira espiritual dos judeus. Percebe-se, no interior da narrativa, a argumentação encadeada para levar o leitor a adorar Jesus como o Filho de Deus.

O texto era destinado a catequese dos que iam ser batizados. Da sujeira e da lama do pecado, erguiam-se os novos cristãos, depois de se terem lavado - como o cego - nas águas puras do Batismo. Evidentemente não bastava ao rito do Batismo em si. Era necessária a fé em Jesus e a adesão irrestrita a sua doutrina, acreditando na preexistência de Jesus e como sendo a Palavra na qual o Pai se revelou.



Jo 4, 43-54: "Vai, teu filho está vivo."

O ser humano está sempre à procura da fé. Um homem odiado pelos judeus por ser pagão, um membro da família real, por estar serviço dos não menos odiados da casa real de Herodes. Dirige-se a Jesus e faz o pedido da cura do filho. O centro da narrativa está nos verbos "crer" e "viver". Observa-se nesse relato um progresso na fé por parte do Pai, de uma confiança em que Jesus possa curar o seu filho, fé na Palavra de Jesus, fundada unicamente em sua autoridade.

O relato nos mostra que a confiança total em Jesus faz milagres. Ter fé significa aceitar a Jesus com todos os riscos que isso possa acarretar. E há ainda outra característica, a fé nos abre para o diálogo e nos dá a certeza de que Jesus está no meio de nós, construindo conosco a história de nossas vidas.

O oficial crê na Palavra de Jesus. A sua fé é confirmada pelo milagre, anunciado a eles pelos servos que lhe vêm ao encontro. A fé desse oficial passa por toda a família.



Jo 5, 1-16: "Levanta-te e anda."

O doente ficou curado e liberto pela ação de Jesus. O aspecto importante dessa cura é que Jesus toma a iniciativa, diante da passividade desse enfermo.

Muitas vezes, a severa interpretação de costumes e leis nos faz perder a oportunidade de ficar livres dos males que nos afetam. A atitude de Jesus manifesta sua constante iniciativa de salvar o que estava perdido. Para Deus sempre há uma possibilidade de libertação. Aqueles que preferem ficar à margem perdem a possibilidade de um encontro salvador com Deus.

A libertação de Jesus consiste em uma total renovação de nosso ser à imagem do Criador. É por essa razão que ele não fica satisfeito apenas com a libertação do paralítico. Essa libertação é somente parte de uma salvação maior. Encontrando-o mais tarde no Templo, Jesus chamou-o para uma conversão dos pecados, a fim de que a libertação pudesse ser autêntica.



Quarta-feira – Dia 18.03

Jo 5, 17-30: "Meu Pai trabalha sempre, e eu também trabalho."

O Pai e o Filho são para nós um modelo de Unidade e de Comunhão no Amor. Um não é maior que o outro nem tampouco nenhum deles deseja superar o outro. Neste Evangelho Jesus nos revela que há uma interação perfeita na obra que a Santíssima Trindade realiza em nós, da mesma forma como acontece o trabalho do Pai e do Filho pelo poder do Espírito Santo. Podemos apreender que o Filho trabalha em comunhão com o Pai e tudo que Ele faz é dirigido pelo Pai.

Assim sendo, Jesus (o Filho) faz apenas o que vê o Pai fazer e a vida do Pai, é a vida do Filho e tudo acontece entre Eles por força do Amor. O Amor entre o Pai e o Filho é o Espírito Santo que mora em nós e é quem nos induzirá a fazer todas as coisas como Jesus fazia, a exemplo do Seu Pai. O Pai é modelo para o Filho e é desejo do Filho ser como o Pai.

A Santíssima Trindade nos convida a mergulhar no Seu Amor. Somos também chamados a incorporar em nós este exemplo de justiça e santidade aprendendo com Jesus e crendo Nele para que possamos possuir em nós a vida eterna. Jesus proclama a Sua Unidade com o Pai e a sua dependência à vontade do Pai. A grande verdade que deve nortear a nossa vida é a de que Jesus veio ao mundo para nos ligar ao Pai e para que tenhamos a vida eterna desde já.

A vida eterna depende da nossa adesão ao projeto de Jesus crendo na Sua Palavra e não duvidando do Seu poder. Possuir a vida em si mesmo é possuir a vida divina. Fomos feitos à imagem e semelhança do Pai, portanto, nós também, unidos a Jesus, nos unimos ao Pai e o Seu poder permanece em nós. Não precisamos nos admirar, é palavra de Deus e aqueles que a acolhem já sentem o seu efeito na sua vida diária.

Mt 1, 16.18-21.24a: “e Jacó gerou José, marido de Maria.”

“Deus também revelou a José os seus desígnios por meio de sonhos...José sente uma imensa angústia com a gravidez incompreensível de Maria, mas não quer difamá-la e decide despedi-la secretamente. No primeiro sonho, o anjo o ajuda a resolver o seu grande dilema: “Não temas receber Maria, tua mulher”. “Ao despertar do sono, José fez o que o anjo do Senhor lhe havia ordenado”. Com a obediência, superou o seu drama e salvou Maria”.

Diante do que o Papa Francisco escreveu sobre São José nós podemos constatar que a obediência a Deus supera todas as dificuldades que estejamos enfrentando e nos dá força e confiança para acolher o Seu chamado, mesmo que seja para coisas que ainda não entendemos. Justo é o homem que se ajusta à vontade de Deus e não reluta em obedecê-lo quando é convocado, mesmo que isto lhe seja custoso.

Por isso, José não questionou quando o anjo que lhe apareceu em sonho o instruiu a receber Maria como sua esposa. Podemos observar também que José deveria ter intimidade com Deus e conhecia os passos do seu Senhor, por isso conseguiu tomar uma decisão tão grave e radical. Ele é exemplo para os pais, porque cumpriu sua missão segundo o projeto de Deus deixando de lado o seu plano de vida pessoal.



Jo 7, 1-2. 10. 25-30: "Jesus é o Messias."

O relato do evangelho de hoje procura eliminar a dificuldade para aceitar a doutrina de Jesus: sua origem humana. Isso não deveria ser obstáculo para a fé, já que nos lábios de Jesus sua origem humana é o que menos importa. Ele veio de Deus e tem nele sua verdadeira origem. Esta afirmação divide os cristãos: uns se inflamam no ódio a Jesus para eliminá-lo, outros o aceitam.

Nos últimos dias da vida pública de Jesus, já era óbvio que as autoridades tencionavam matá-lo. Diante da iminência de sua perseguição e da rápida aproximação de seu martírio, Jesus adota uma atitude que serve de modelo para os cristãos perseguidos. Jesus não procura livremente o martírio, mas permanece fiel a sua missão de ensinar a verdade, mesmo arriscando a vida em Jerusalém, na época em que sua hora havia chegado.



Sábado-Dia 21.03 - Repetição

A oração de cada sábado consiste no exercício chamado de repetição. Trata-se de aprofundar aquilo que rezei durante a semana. Santo Inácio diz: Não é o muito saber que satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente [EE 2].

Por isso não é apresentada uma nova matéria de oração para este dia. Faço, pois, a oração, a partir do texto ou moção que mais me consolou ou que mais me desolou na semana que passou.



Quinta Semana

“PAI, RENDO-TE GRAÇAS PORQUE ME OUVISTE...”



Jo 11, 1-45: "Lázaro, vem para fora."

Estamos no final da primeira parte do Evangelho de João (caps. 1 a 12). A hora de Jesus se inicia a partir do capítulo 13: É chegada a hora para o Filho do Homem ser glorificado. Em verdade, em verdade vos digo, se o grão de trigo caído na terra não morrer, fica só; se morrer, produzirá muitos frutos.

O relato da ressurreição de Lázaro é um sinal que proclama Jesus como a Ressurreição e a Vida. Quem nele crê tem a vida autêntica: se está morto ressuscita, se está vivo nunca morrerá, O encontro de Jesus com Lázaro é o milagre e o espelho do encontro de Jesus com os homens e com as mulheres: pela fé em Jesus a vida do homem e da mulher torna-se autêntica, abrindo-se para a vida de Deus. Lázaro é a figura de todos nós e de nossa situação. Jesus está diante da morte de um amigo e diante de sua própria morte.

Jesus se entristece, chora e reage, revelando-nos a força de Deus, que estava nele, para beneficiar a todos nós. As três pessoas: Lázaro, Marta e Maria - são a própria humanidade envolta em situações da morte. A doença dele é a doença do mundo, e suas amarras são as amarras de todas as pessoas impossibilitadas de andar e viver. Jesus ressuscita Lázaro não apenas por uma questão de amizade, mas para mostrar que a vitória sobre a morte faz parte do plano salvífico do Pai. Jesus é o instrumento dessa vontade do Pai. Quem nele crê participa já de sua Vida e de sua Ressurreição.

Para Jesus, a morte não é o fim. Há dois modos de ver a morte: um representado por Marta e Maria e o outro por Jesus. Para elas a morte é uma barreira insuportável, intransponível. Para Jesus se assemelha a um sono, do qual será fácil despertar. A finalidade do milagre é revelar algo de Jesus: que "Ele é a Ressurreição e a Vida".

Jo 8, 1-11: “Eu também não te condeno. Vai e não peques mais”

A história da mulher surpreendida em adultério nos leva a refletir sobre a nossa própria história quando o mundo quer nos apedrejar por causa das coisas erradas que cometemos ou então, quando apontamos o dedo para alguém a quem consideramos o pior pecador e desejamos também que seja apedrejado, para que se cumpra a lei. Todos nós desejamos que a Lei seja cumprida! No entanto, ao perdoar aquela mulher adúltera, Jesus, o único Santo, O Justo, nos mostra o que precisamos fazer para que se cumpra a Lei de Deus que tem como fundamento a Sua Misericórdia. Nem precisou argumentar muito nem debater com os acusadores daquela mulher, mas, somente com o gesto de escrever na areia e de falar aos circunstantes, Jesus esclareceu: “quem dentre vós não tiver pecado seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra”. Assim, Ele conseguiu com que o povo se afastasse a começar pelos mais vividos, mais experientes. Jesus não eximiu a mulher do pecado, mas não a condenou, usou de misericórdia.

Esta é a prova de que só o Senhor conhece o nosso coração, os nossos motivos, as nossas razões. “Eu também não te condeno. Podes ir, e de agora em diante não peques mais!” Nós nunca podemos condenar alguém, porque pecou nem tampouco atirar pedra em alguém que erra. Todos nós, como aquela mulher, poderemos ter a vida completamente transformada por causa do amor e da misericórdia de Deus que se expressa por meio de alguém. Muitas vezes a nossa conversão depende do acolhimento e da compreensão de alguma pessoa que nos revela a face da misericórdia de Jesus. Se Jesus tivesse deixado que apedrejassem a mulher adúltera, ela, com certeza, não teria se convertido. Talvez, pudesse ter se emendado por algum tempo com medo de infringir a lei, no entanto a revolta e a dor permaneceriam dentro do seu coração. Todos nós que desejamos seguir a Jesus precisamos aprender a compreender as fraquezas do nosso próximo e, ao mesmo tempo, ajudá-lo a reencontrar o caminho novo que o Senhor abre por meio da Lei do Amor e da Misericórdia.



Jo 8, 21-30: "Aquele que me enviou está comigo."

Aparece novamente a conversa baseada na origem e destino de Jesus. A repetição das perguntas e questões revela a incredulidade dos interlocutores. Jesus não pode ser julgado a partir dos critérios meramente humanos, porque ele é do alto, é Deus, pertence ao mundo de Deus.

Jesus atualiza, manifestando que a vida é uma realidade dinâmica. Isso pode incomodar quem está habituado a vê-la de forma estática. A velha atitude de fé em Deus é apresentada de maneira comprometedora, a ponto de nos lançar numa inquietação constante.

Jesus não é um mistério estático, mas aquele que projeta para o futuro. Fazer da fé um código fechado de regras, sem descobrir essa realidade evolutiva, é inversão da mensagem de Jesus e empecilho à felicidade. Aqui aparece claramente o confronto dos dois projetos: Jesus comprometido com o plano do Pai, que é a vida, e os seus adversários com o da morte.



Lc 1, 26-38: “Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus.”

Maria tem consciência da missão importante que está recebendo, mas ela permanece realista. Não se deixa embalar pela grandeza da oferta e olha a sua condição: “Como é que vai ser isto, se eu não conheço homem algum?” Ela analisa a oferta a partir dos critérios que nós, seres humanos, temos à nossa disposição. Pois, humanamente falando, não era possível que aquela oferta da Palavra de Deus se realizasse naquele momento.

Lucas não fala muito sobre Maria, mas aquilo que fala tem grande profundidade. Quando fala de Maria, ele pensa nas comunidades. Apresenta Maria como modelo para a vida das comunidades. É na maneira de ela relacionar-se com a Palavra de Deus que Lucas vê a maneira mais correta para a comunidade relacionar-se com a Palavra de Deus: acolhê-la, encarná-la, vivê-la, aprofundá-la, ruminá-la, fazê-la nascer e crescer, deixar-se moldar por ela, mesmo quando não a entendemos ou quando ela nos faz sofrer. Esta é a visão que está por trás dos textos dos capítulos 1 e 2 do Evangelho de Lucas, que falam de Maria, a mãe de Jesus.



Jo 8, 51-59: "Se alguém colocar em prática a minha Palavra, jamais verá a morte."

Jesus é acusado de samaritano, isto é, de heterodoxo, idólatra, blasfemo e de estar possuído pelo demônio. A resposta consiste em admitir a estranheza de sua conduta e em justificá-la: seu modo de proceder vem exigindo obediência a Deus. Pelo contrário, a atitude dos incrédulos desonra o Filho, e, em definitivo, o Pai. Em consequência, o Filho será honrado pelo Pai, enquanto seus opositores serão julgados.

A revelação centraliza-se no terreno da vida. Jesus recebeu do Pai o poder de dar a vida. Os judeus, por sua vez, não compreendem, ou entendem a vida física; quanto ao que Jesus está afirmado, é a sua superioridade sobre Abraão e os profetas. A reação dos judeus supõe a convicção de que nada pode ser superior a Abraão e aos profetas.

Jo 10, 31-42: "Procuravam prender Jesus."

Aqueles quê não creem em Jesus tentam lapidá-lo porque ele teria blasfemado ao declarar-se Filho de Deus.

O mistério de Cristo não pode ser interpretado nas estreitas medidas de nossa mentalidade, condicionada pelas diversas limitações de nossa realidade humana. É pela fé, atitude de diálogo e busca, que se pode obter o encontro com Cristo.

As autoridades judaicas rejeitam Jesus, as suas obras e o próprio Pai, que enviara o seu Filho. Diante disso, procuram prender Jesus outra vez, mas ele escapou de suas mãos. Esse texto nos faz refletir sobre a "verdadeira liberdade". Nem sempre somos capazes de suportar a verdade. De algum modo desejamos destruir aquilo que nos incomoda na tentação de ficar com a nossa verdade.



Sábado – Dia 28.03-Repetição

A oração de cada sábado consiste no exercício chamado de repetição. Trata-se de aprofundar aquilo que rezei durante a semana. Santo Inácio diz: Não é o muito saber que satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente [EE 2].

Por isso não é apresentada uma nova matéria de oração para este dia. Faço, pois, a oração, a partir do texto ou moção que mais me consolou ou que mais me desolou na semana que passou.





Semana Santa

2026



Domingo de Ramos e da Paixão

Domingo de Ramos e Paixão do Senhor – Dia 29.03

Mt 27, 11-54: Proclamação pública do Messias - Rei da Paz!

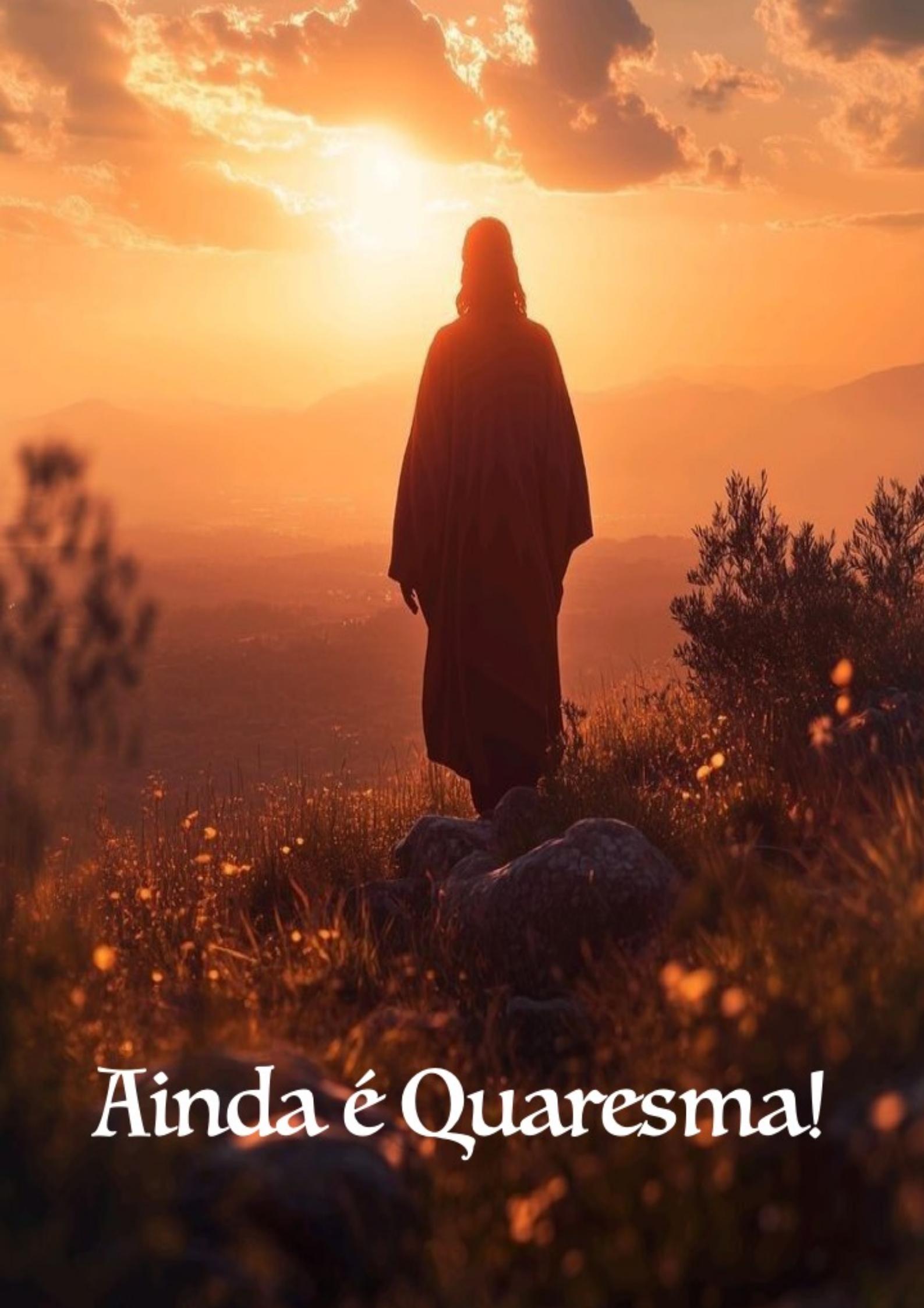
Depois da intensa caminhada quaresmal, chegamos com Jesus às portas de Jerusalém, a cidade do grande Rei (Mt 5,35), o lugar onde o destino de Israel e dos profetas deve cumprir-se (Lc 13,33). A festa do Domingo de Ramos faz memória da entrada de Jesus na cidade montado num jumentinho, aclamado pela "numerosa multidão que estendeu suas vestes pelo caminho, enquanto outros cortavam ramos das árvores e os espalhavam pelo caminho (Mt 21, 8).

Pessoas que estiveram com Jesus, escutado suas palavras, experimentado sua misericórdia, seu amor sem fronteiras, e sentido também seu sofrimento. Talvez não compreendessem plenamente quem era seu Mestre, mas seu coração lhes gritava que esse homem era o Filho de Deus. Podemos nos perguntar se reconhecemos no humilde de Jesus o Filho de Deus. Temos liberdade para alçar com alegria o "ramo" de nossa fé reverente, e agradecer sua Presença em nossa vida, família e comunidade.

É assim que o evangelista mostra como em Jesus se cumprem as palavras ditas pelo profeta: "Dizei à filha de Sião: Eis que o teu rei vem a ti, manso e montado num jumento, num jumentinho, cria de um animal de carga" (21, 5). O Messias está chegando para nós, quer entrar na nossa cidade, na nossa comunidade, na nossa família, na vida pessoal de cada um/a. Olhando ao nosso redor, podemos perceber a necessidade de paz, vida e liberdade que sofrem nossos países, nossa América Latina e o mundo inteiro.

O Reino de Deus é aquele que busca a felicidade dos/as pequeninos/as e por isso é um reino de justiça que se opõe a toda autoridade, estrutura ou instituição que atente contra a vida, que produza morte. A vida de Jesus nos mostra claramente como suas palavras, atitudes e ações revolucionam, subvertem uma sociedade civil e religiosa que escraviza, de diferentes formas, os pequenos, as mulheres, os pobres e os doentes.

Quando Jesus entra em Jerusalém, a cidade está repleta. Vindo de diferentes lugares, os judeus reuniam-se por famílias, por clãs, na cidade santa, para celebrar a festa da Páscoa, na qual faziam memória da ação libertadora de Deus que os tirou da escravidão e caminhou com eles pelo deserto rumo à terra prometida. O evangelho de hoje nos situa no coração desta festa. Jesus, como bom judeu, estava também reunido com seus amigos e amigas. O texto da Paixão de Jesus pode ser lido com a chave da justiça: é o grande confronto da justiça do Reino com a injustiça oficial das autoridades daquele tempo.



Ainda é Quaresma!

Jo 12, 1-11: “Deixai-a; ela guardou este perfume para o dia da minha sepultura.”

Para inspirar sua missão como seguidor(a) de Jesus, sinta-se conduzida pelo Espírito a viver Betânia, a ser Betânia, a assumir Betânia. Sinta-se convidado(a) a entrar na casa em Betânia: casa de encontro, comunidade de amor e coração de humanidade. Deixe-se inspirar por este ambiente humanizador, para prolongá-lo em seu cotidiano familiar, social, comunitário...

O relato evangélico em Betânia confere um intenso clima pascal à oração: a ceia é prelúdio da morte de Jesus, visibilizado pela unção que Maria fez em honra ao Mestre. Mas também é anúncio da Ressurreição, mediante a presença do Lázaro ressuscitado, testemunho eloquente da vitória da vida sobre a morte.

Betânia é um lugar simbólico e instigante para a vida cristã; ela é o ícone de uma comunidade de seguidores(as); nela busca-se inspiração e motivação para viver a seguimento de Jesus na missão. Buscamos Betâncias, somos gratos quando as encontramos, sentimos saudades quando elas nos faltam... É um espaço de nutrientes e de alimento em sentido amplo: afeto, calor, cuidados, atenção, presença, ternura e contato. Betânia significa “casa dos pobres” (Beth-anawim): nela, em primeiro lugar, habitam as pobrezas pessoais e comunitárias, a pequenez e a fragilidade; mas, também, onde as pobrezas de nosso mundo, da humanidade, têm lugar e tocam nosso estilo de viver, de nos relacionar, de nos mobilizar em nosso seguimento de Jesus.

Marta nos ensina que servir não é algo que acrescentamos à nossa vida, nem algo que seja mérito nosso; o serviço é a expansão natural daquilo que somos, a visibilização de nossa interioridade. Maria pode ser considerada como um ícone da sensibilidade nova que o evangelho nos oferece; ela expande todo o seu afeto num gesto de enorme ternura para com Jesus: suas mãos acariciam os pés do Mestre e enxuga-os cuidadosamente com seus próprios cabelos.

Sua criatividade feminina encontrou no perfume um símbolo para expressar com grande delicadeza o que nesse momento seu coração transbordava. Maria investiu num gesto gratuito e desmedido, expressão de um amor exagerado. O perfume de Maria é o símbolo da vida e do amor da comunidade. É um amor que não tem preço. Aqui, no centro do Evangelho de João, a comunidade, reconstruída no amor, exala o bom perfume que enche toda a casa.

Na cena do jantar em Betânia, outro personagem aparece compartilhando a mesa com Jesus. Lázaro é um personagem pascal, um ressuscitado; presença silenciosa, não tem nenhuma ação a realizar. Lázaro é símbolo do humano pobre, enquanto necessitado e frágil, dependente... Ele pode representar os membros de nossas famílias e comunidades, marcados pela vulnerabilidade, enfermidade e idade avançada, carentes de ajuda e cuidado; mas ele pertence à casa, é companheiro de mesa com Jesus. Percebemos que não são suas ações, trabalhos, compromissos ou qualidades que fundamentam sua amizade com Jesus; podemos pensar que Jesus o amava “porque sim”, para além do que Lázaro pudesse fazer algo por Ele.

Jo 13, 21-33.36-38: "Em verdade, em verdade vos digo: um de vós me há de trair!".

Jesus está celebrando a última ceia com os seus discípulos; tinha acabado de lavar os pés deles e de ter falado do dever que temos de lavar os pés uns dos outros. Judas já tomou a trágica decisão, e depois de tomar o último pedaço de pão das mãos de Jesus, saiu para cumprir sua traição.

Na contemplação da Última Ceia, um personagem vem sempre à nossa lembrança: Judas Iscariotes. Reagimos negativamente frente sua traição a Jesus, mas no fundo ele nos causa repulsa porque é projeção das nossas infidelidades e traições. Ele é o espelho no qual nos vemos.

Quem traiu e quem foi traído assume reações semelhantes, como esvaziamento da afetividade, sensação de inutilidade vital, desorientação, perda do sentido da própria existência, angústia, pânico, fobias e medos generalizados diante das pessoas e do mundo. A traição desmonta a esperança no outro ser humano e leva à descrença na existência do amor. A traição tira do ser humano sua capacidade de dar respostas à vida, de envolver-se num projeto e num ideal maior, que ultrapasse o valor de sua própria vida.

Pensem em tantos "Judas institucionalizados" que exploram as pessoas, alimentando uma "cultura de morte"; pensemos nos "pequenos judas" que carregamos dentro de nós, na hora de eleger entre lealdade e interesse, entre gratuidade e dureza de coração. "Cada um de nós tem a capacidade de trair, de vender, de só optar em favor do próprio interesse. Cada um de nós tem a possibilidade de deixar-se seduzir pelo amor ao dinheiro, pela busca de poder. Judas, onde estás? É a pergunta que faço a cada um de nós" (Papa Francisco).



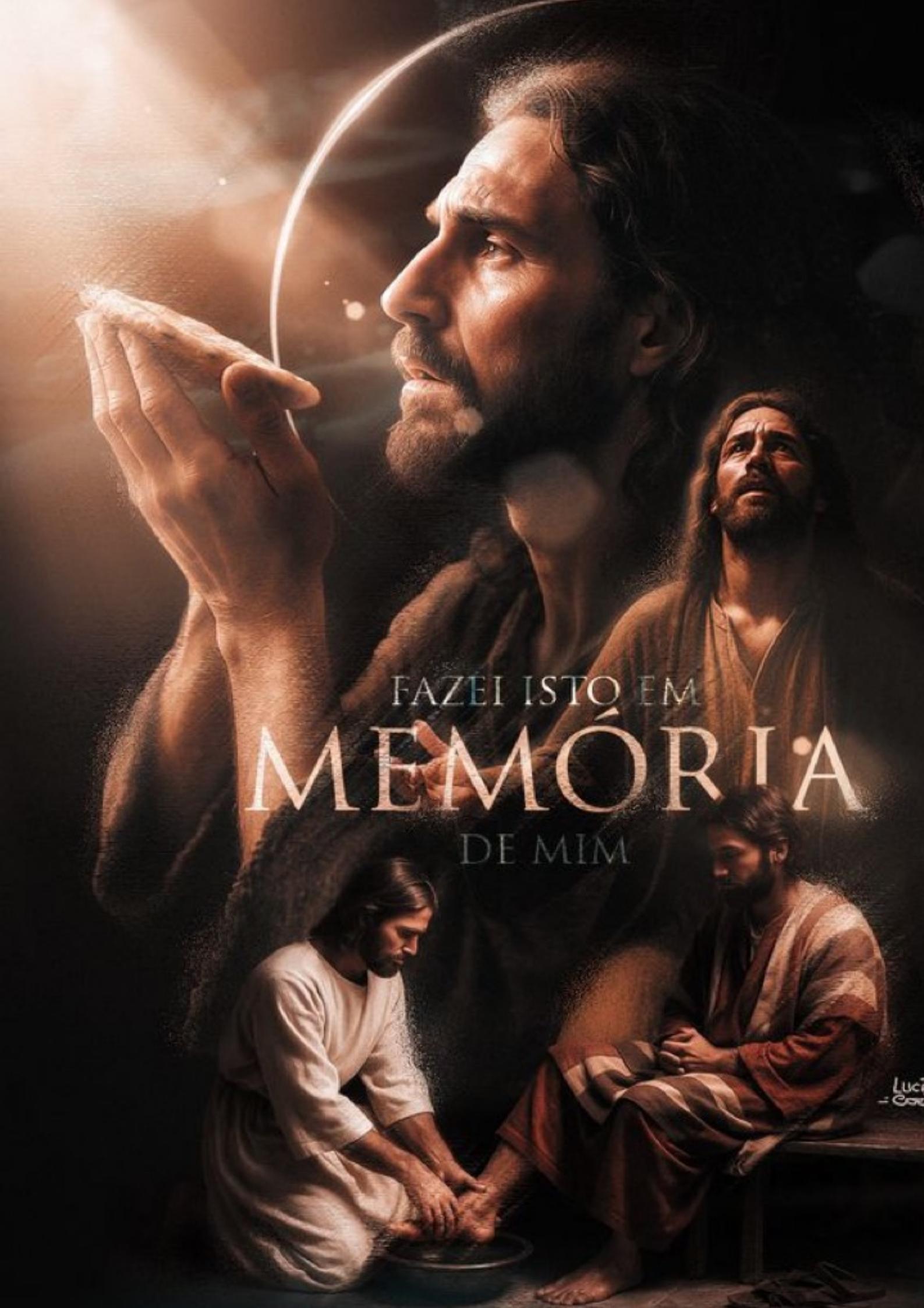
Mt 26, 14-25: "Mestre, serei eu?". "Sim" — disse Jesus."

Semana Santa é sempre um momento propício para rever a nossa caminhada, a procissão interminável de nossas vidas, regada de encontros e desencontros diversos, sofrimentos múltiplos e esperança sempre. Em muitas comunidades, hoje é dedicado à reflexão sobre o encontro de Maria e seu Filho, Jesus. Gostaria de aproveitar essa cena para refletir sobre outro encontro, o de Jesus com Judas Iscariotes, pouco antes de sua procissão rumo ao calvário da morte. O texto que inspira a nossa reflexão é Mt 26,14-25. Jesus está à mesa com os seus apóstolos, quando revela um encontro fatal com o seu traidor, o apóstolo Judas Iscariotes, aquele que cuidava das finanças, da bolsa dos apóstolos.

O nome Judas tem relação com os judeus. Judas teria sido colocado na lista dos apóstolos para dizer que os judeus trairiam Jesus? Boa pergunta. A figura de Judas foi criada para estigmatizá-los como traidores. Na Baixa Idade Média, a Igreja propagou a rejeição aos judeus. A tradição da memória de Judas,[1] tanto nos textos canônicos como nos apócrifos – (há um evangelho apócrifo gnóstico atribuído a Judas Iscariotes) – procurou imputar a Judas Iscariotes a culpa pela morte de Jesus. Há somente um fragmento apócrifo que transfere a culpa para a sua mulher, considerada má.

Judas entregou Jesus por 30 moedas. Aplicando a guematria hebraica, um modo como os judeus fazem uma interpretação judaica, atribuindo um número a cada letra de um nome bíblico escrito em hebraico, Judas, em hebraico, I+H+U+D+H corresponde a $10+5+6+4+5=30$. Considerando ainda que o número 3 representa o Divino, e 10, a completude, tudo que posso abranger com as mãos. Com sua atitude, Judas traiu completamente a Deus, o Divino, em Cristo, assim como recordará, sempre, ao povo judeu a traição ao judeu e histórico Jesus de Nazaré. Judas traz no seu nome a punição e o preço de sua traição e a de seu povo. Trinta moedas é o seu próprio nome.





FAZEI ISTO EM
MEMÓRIA
DE MIM

Luc
-C-

Jo 13, 1-15: “Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós”.

João não descreve o relato da última ceia como fazem os demais evangelistas, seu discurso revela o espírito eucarístico como lei do amor, caminho de maturidade espiritual num clima marcado pelo afeto filial e fraternal de Jesus. A páscoa é a grande festa do povo judeu, memória da saída do Egito e da opressão. Antes desta festa, Jesus quer cear com seus amigos – discípulos, de modo solene, oportunidade reveladora da riqueza do Reino de Deus. Jesus capta ter chegado sua ‘hora’, momento de “passar deste mundo para o Pai”!

Não é um trânsito fácil, porque Jesus tem vínculos estreitos de amor com “os seus”, e esse mesmo amor o leva a separar-se deles. É o preço que terá que pagar por ter anunciado o Reino de Deus: Reino pleno da pureza do amor em gratuidade de entrega, de verdadeira alegria, e da paz como oferta de vida e justiça para todos. Essas realidades que são desejadas por cada coração humano, só podem ser verdadeiras se verificadas na vivência de uma prática através da conduta, que os poderes deste mundo ficam recalcitrantes em admitir.

O gesto profético de Jesus de levantar-se para lavar os pés de seus discípulos é expressão de acolhida e serviço, pedagogia de inversão de paradigmas estabelecidos pela hierarquia social. Ao inverter os termos, seu amor leva-o ao serviço mais humilde. Ao lavar os pés dos discípulos, Jesus vive o ‘ministério do serviço entre os irmãos como Senhor e o Filho glorificado pelo Pai’ (Jo 13, 31). Filho identificado com o Pai de tal maneira, que conhecer a Jesus é conhecer o Pai (Jo 14, 9), glorificação da humanidade quando se tornar discípula de Jesus e produzir frutos de seguimento.

O Reino que anuncia é descrito como vida eterna, uma vida que começa na história, porque consiste em crescer no conhecimento de quem é o Pai e o Filho e na prática de sua única lei: a de nos amarmos uns aos outros como Jesus nos amou, dispostos a entregar a vida em favor dos irmãos, medida de amor que revela a vontade do Pai como Rei.

As palavras de Jesus que consagram o pão e o vinho em corpo e sangue são anúncio de algo que ocorrerá na sexta-feira de sua paixão e morte, e representam o compromisso de algo que se irá realizar, juramento e promessa de doação total. A eucaristia é memória de todo o Mistério Pascal: promessa realizada na quinta-feira e que se concretiza na sexta-feira Santa, englobando a aceitação do Pai e dos irmãos, e revelação no domingo da ressurreição.

Cada eucaristia é renovação do gesto próprio do Cristo, que também cada um dos que participam deverão fazer seu, “como” Ele o fez. Celebrante e povo entregam seu corpo e sangue pela mesma causa: que o mal da história seja vencido pela graça do perdão de Deus.



CATÓLICO
CRIATIVO

QUE AMOR
É ESSE?

LUCAS
COELHO

Jo 18, 1-19, 42: “Convém que um só homem morra em lugar do povo”.

Sexta-feira da Paixão, dia para refletir o sentido da morte em suas variadas formas. Ela faz parte do trem de nossa história pessoal, mas como é difícil acolhê-la. São Francisco, no ponto alto de sua espiritualidade, a chama de irmã morte. Morrer é um esperançar para os que vão e os que ficam. Perguntas, no entanto, permanecem no nosso coração: Por que morrer? Para que morrer? Será que Deus nos abandonou na hora morte? Ele abandonou Jesus? Qual o sentido do grito de Jesus na cruz? “Meu Deus, para que me abandonaste?” Penso aqui na dor pandêmica dos familiares dos mais de 300 mil que morreram no Brasil, e dos milhões mundo afora.

Para a nossa reflexão, vou tomar o evangelho Jo 18,1-19,42, a narrativa da paixão, morte e ressurreição de Jesus. Os pormenores desse texto são muito conhecidos. Eu poderia falar que Judas, nesse relato, não beija Jesus; que o “eu sou” de Jesus, respondendo a Pilatos, é o mesmo do nome de Deus. Permita-me, no entanto, ater-me somente ao momento final da morte de Jesus, quando na cruz, segundo João, ele apenas diz que “tudo está consumado”. João não fala do seu grito de dor. Recorrendo a Marcos e Mateus, proponho refletir sobre o mistério da morte, seja ela natural ou provocada por pandemias.

Como seres humanos, vivemos o eterno paradoxo de ter que viver e esperar a morte, de realizar sonhos e conviver com a derrota, de dar e receber, de fazer algo em função de uma recompensa, de sofrer e de se alegrar. Podem parecer coisas opostas, dicotômicas, mas não são. Essa é a condição humana. Assim viveu Jesus. No momento final de sua vida, pregado na cruz, ele soltou um grande grito de dor. Marcos e Mateus escrevem que Jesus disse: “Meu Deus, meu Deus, para que me abandonaste? (Mc 15,34; Mt 27,46). Para Lucas, o grito de Jesus foi: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito.” (Lc 23,46). Já para João, Jesus apenas diz: “Tudo está consumado” (Jo 19,30). Há uma lógica no encontro de Jesus com a morte: o grito, a entrega e a compreensão do sentido da morte como esperança. esperança. Em Lucas e João, Jesus é mais divino que humano. Ele parece não sentir dor como em Marcos e Mateus.

Mais uma palavrinha sobre a morte. Nesse momento pandêmico de nossa história, a morte, que estava esquecida, voltou a fazer parte do nosso cardápio de cada dia. O que vemos é uma paixão, um calvário vivido nos hospitais mundo afora. Jesus, novamente vive a sua paixão nos infectados, nos seus parentes, e na ação dos profissionais de saúde que fazem de tudo para salvar uma vida. Estamos vivendo uma dor coletiva.

Nesse calvário, vale perguntar pelo “por quê”. E aí vem a resposta. Esse vírus não é maldição de Deus, como propagam alguns. Ele é, sim, uma resposta da natureza que se sente aviltada por nós. A morte aos milhares é responsabilidade dos que não acreditaram na ciência. Vírus, vírus sempre teremos. E como já tivemos!



Sábado – Dia 04.04 - O silêncio do sábado santo

Mt 28, 1-10 - É Sábado e Jerusalém voltou à sua normalidade: nada mudou, ao menos aparentemente, na história. Silêncio gélido, desconcerto, frustração e indiferença cobrem a cidade santa como um manto de densa neblina. Como seguidores(as) de Jesus vivemos nossos adventos, natais, quaresmas, páscoas e pentecostes; vivemos nossas sextas-feiras; é preciso aprender a viver o incômodo silêncio dos sábados santos.

No caminho do seguimento de Jesus há “Sábados Santos”, tanto no nível pessoal como comunitário: passamos por contínuas mortes, noites escuras, crises, silêncios carregados de tristeza, falta de esperança, dúvidas de fé, fracassos, traumas... A humanidade inteira vive um grande “Sábado Santo”; há uma espera angustiada dos povos. Envolve-nos a “noite sabática”, que deve re-alimentar a paixão pela vida.

Sábado Santo da dor, da tristeza, do fracasso..., mas também Sábado Santo da esperança e da esperança. É o Sábado Santo que nos abre às surpresas de Deus. Onde encontrar, então, a razão, o segredo e o sentido deste dia que dá a sensação de um “dia morto”? Certamente está neste fato: se o Crucificado não tivesse descido até os “infernos” da vida, em quem os homens e as mulheres que ali vivem poderiam se apoiar? A quem poderiam ter por companheiro, amigo e irmão? De quem poderiam sentir uma presença consoladora?

Somente porque Jesus desceu nos “infernos” da vida é que pode salvar-nos deles, transformá-los em caminho. “Porque foi provado no sofrimento, pode ajudar os que são provados” (Heb. 2,18). Os “crucificados da história”, os sofredores e as vítimas são lugar de encontro, sempre e para todos; eles são sacramento do mundo que Jesus veio transformar, porque não corresponde ao que o Pai sonhou a respeito deste mesmo mundo; são um compromisso obrigatório para encontrar Aquele que viveu a verdadeira Paixão em favor da vida.

Na “descida aos infernos”, lá onde o ser humano chegou ao extremo, onde ele se encontra excluído de toda comunicação e comunhão, onde não pode fazer mais coisa alguma, aí Jesus o toma pelas mãos e ressurge com ele para a vida. Jesus Cristo acolheu tudo quanto é humano e desta maneira tudo redimiu. Ele “subiu” ao céu porque “desceu” às profundezas da terra.

A descida aos “infernos” é imagem da descida de Jesus às regiões sombrias de nossa existência. Descobrimo-Lo presente nos nossos “infernos interiores. As profundezas de nosso ser se iluminam, e tudo quanto foi reprimido, recalculado, ferido... é tocado e assumido por Jesus e nos desperta para a vida. É preciso descer, com Jesus, ao túmulo de nossa interioridade, transitar pelos espaços e dimensões não integradas. Só quem desce às profundezas de si mesmo é capaz de vislumbrar potencialidades de vida que não foram ativadas. É preciso morrer ao “ego”, “descer” aos “infernos” interiores e sociais para expandir a vida em novas direções.





Jo 20, 1-19: “Então, entrou também o discípulo que havia chegado primeiro ao sepulcro. Viu e creu.”

Segundo o relato de João, Maria de Magdala é a primeira que vai ao sepulcro, quando ainda está escuro, e descobre desconsolada que está vazio. Falta-lhe Jesus. O Mestre que a havia compreendido e curado. O Profeta que ela tinha seguido fielmente até o fim. A quem seguirá agora? Assim, se lamenta perante os discípulos: “Levaram do sepulcro o Senhor e não sabemos onde o colocaram”.

Essas palavras de Maria podem expressar a experiência que muitos cristãos estão experimentando hoje: o que fizemos com Jesus ressuscitado? Quem o levou? Onde o pusemos? É o Senhor em quem cremos um Cristo cheio de vida ou um Cristo cuja memória gradualmente desaparece dos corações? É um erro que procuremos “provas” para acreditar com mais firmeza. Não basta recorrer ao Magistério da Igreja. É inútil investigar as exposições dos teólogos. Para nos encontrarmos com o Ressuscitado, devemos antes de tudo fazer uma jornada interior. Se não o encontrarmos dentro de nós, não o encontraremos em nenhum lugar.

Juan descreve, um pouco mais tarde, Maria correndo de um lugar para outro para procurar alguma informação. Mas quando vê Jesus, cega pela dor e as lágrimas, não consegue reconhecê-Lo. Pensa que é o encarregado do jardim. Jesus apenas lhe faz uma pergunta: “Mulher, por que choras? A quem procuras?”. Talvez devêssemos também perguntar-nos algo semelhante. Por que é que a nossa fé por vezes é tão triste? Qual é a causa final dessa falta de alegria entre nós? Que procuramos, os cristãos de hoje? Do que sentimos falta? Estamos procurando um Jesus a que necessitamos sentir cheios de vida em nossas comunidades?





Cristo Ressuscitou

"Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá"

Pe. Renato, SJ

Feliz Páscoa!